

O autor começa observando que a formação espiritual acontece propriamente mais nos Seminários que nos Institutos de Teologia. Contudo, um Instituto de Teologia repassa, para os estudantes, uma determinada mística. A abordagem do tema é feita na ótica histórica, visto que por décadas o ITESC congregava no seu seio o lado acadêmico e o lado seminarístico. Começando pela “ótica da criatividade comunitária”, o autor estuda a relação entre “espiritualidade e conflito”, nas décadas de 70 e 80, aborda a relação entre “teologia e espiritualidade”, na década de 90, e comenta os desafios presentes.

ITESC, Espiritualidade e Mística

*Dom Orlando Brandes**

* O autor, que durante 20 anos (1974-1994) lecionou Teologia Moral no ITESC, é Bispo Diocesano de Joinville, SC.



Introdução

A formação espiritual acontece propriamente mais nos Seminários, que nos Institutos de Teologia. Contudo, um Instituto de Teologia repassa, para os estudantes, uma determinada mística. Cada professor tem sua espiritualidade e enriquece a comunidade acadêmica com seu testemunho de vida. Por outro lado, a direção do Itesc, nunca foi nem pode ser neutra nesta questão. Abordarei o tema na ótica histórica, visto que por décadas o Itesc congregava no seu seio o lado acadêmico e o lado seminarístico. Instituto e Seminário, com exceção do local das aulas, eram uma casa só.

1. O ITESC na ótica da Criatividade Comunitária

Inicialmente o Itesc foi projetado dentro dos 14 sistemas da Criatividade Comunitária. Tendo sido mudada a direção do Instituto Teológico, antes mesmo de seu início, mudou também a ótica teológica e espiritual. O Itesc nasceu num conflito teológico e espiritual. Isso custou muito caro. Houve discussões acirradas, exclusões, isolamentos, críticas e oposição.

A opção espiritual na nossa escola teológica seguiu a rota do Concílio Vaticano II. Uma espiritualidade bíblica, cristocêntrica, a serviço da pessoa, sensível aos pobres, aberta ao mundo. Três professores cunharam a vida espiritual do Instituto nascente: Pe. Paulo Bratti, Pe. Evaristo Debiasi, Pe. Ney Brasil Pereira. O ITESC nascia marcado pelas inovações do Concílio e aberto ao diálogo e interação com a teologia da libertação. Um tipo de centro-esquerda.

2. Espiritualidade e Conflito – Décadas de 70 e 80

A tensão espiritual da Igreja, vivida nas décadas de 70 e 80 repercutiu fortemente no ITESC. Como situar o conflito? Era preciso superar a “teologia acadêmica” de cunho marcadamente tomista, e fortemente influenciada pela racionalidade moderna. Todo esforço era em prol da conquista de uma teologia pastoral, pé no chão, inculturada. Por outro lado, a teologia da libertação atingia sua cidadania, no âmbito teológico e pastoral. A opção foi por uma espiritualidade renovada, sem desprezo pela escolástica, mas compromissada com a libertação do sistema capitalista selvagem. Uma espiritualidade libertadora.



Os conflitos na área da espiritualidade se multiplicaram, como por exemplo a respeito da eucaristia diária, da devoção Mariana, da orientação espiritual, do hábito da meditação e da oração pessoal, das orientações da Santa Sé. As simpatias se evidenciavam na direção da religiosidade popular, da opção pelos pobres, do martírio no campo e na cidade em defesa da terra e da vida, da sobriedade e austeridade, da eficácia pastoral, da coragem profética, das comunidades inseridas.

Neste contexto acirrou-se a divergência entre a espiritualidade própria das Comunidades Eclesiais de Base e a Renovação Carismática Católica. Nas cebs vivia-se um clima de espiritualidade libertadora, ecumênica, ministerial. A RCC focalizava mais a oração, o perdão, os dons do Espírito, a leitura orante, embora fundamentalista, da Palavra de Deus. Os termos e expressões como: esquerda e direita, libertadores e conservadores, tradicionalistas e avançados, eram chavões que definiam as espiritualidades.

Outro aspecto deste conflito se expressou através da influência de presbíteros, religiosas, leigos das dioceses, sobre os formandos. Tornava-se difícil para os formadores e professores conduzir a formação espiritual.

Outra face do conflito se manifestou no currículo teológico. A teologia espiritual, após a morte do Padre Paulo Bratti, passou pelas mãos de diversos professores que não conseguiram conduzir bem os temas, as propostas, as linhas da matéria. Na última reforma do currículo foi pedido maior carga horária para esta disciplina.

A questão mais crítica em relação ao conflito na espiritualidade, refere-se à racionalidade teológica e à qualidade do testemunho de vida dos professores e formadores. Sendo a revelação uma comunicação que Deus faz de si mesmo, toda a reflexão teológica comporta uma atitude de simpatia e de vínculo pessoal com o objeto de seu estudo: *Lex orandi, lex credendi*. Primeiro vem a fé, depois a teologia. A reflexão teológica é um momento segundo. Primeiro, se vive a oração, a liturgia, o coração, o enamoramento, depois vem o aprofundamento teológico.

O clima conflituoso, gerou diferentes opções. Algumas dioceses foram morar nas periferias da capital. Houve alunos que procuraram completar sua formação espiritual nas escolas de espiritualidade focolarina, nos irmãozinhos de Foucauld, nos retiros inacianos, fazendo estágios em comunidades de leigos consagrados, em paróquias ou junto a congregações religiosas.



Por fim, cada diocese criou seu próprio seminário em Florianópolis, assumindo a responsabilidade da formação espiritual de forma mais explícita. O ITESC enquanto Instituto permanecia com a dimensão acadêmica da formação, mas alimentando a mística cristã que impulsiona toda a ação acadêmica e pastoral.

3. Teologia e espiritualidade – Década de 90

É possível, embora altamente paradoxal, fazer teologia em crise de fé, sem maturidade de fé e até quase sem fé. Que há um certo “ateísmo existencial”, ateísmo afetivo, nos seminários e institutos é uma constatação. Na “instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo”, da Congregação para a Doutrina da Fé (1990), está dito: “O empenho teológico exige um esforço espiritual de retidão e de santificação” (nº 9). A exigência crítica da teologia enquanto ciência, não deve ser confundida com racionalidade acadêmica, nem com radicalismo crítico. A teologia nasce do amor, do encantamento, do encontro com Deus na fé. “O amor deseja conhecer sempre melhor aquele a quem ama” (São Boaventura).

O teólogo é chamado a unir sempre pesquisa científica e oração. A reflexão teológica vem de uma “relação teologal” com o mistério. Fundante é o mistério, a iniciação na fé e sua celebração, como fundamento da reflexão teológica. Sem o maravilhamento e o assombro pessoal da experiência da fé, o teólogo fica ao sabor do livre arbítrio, da mera opinião e até da “soberba teológica”. É a teologia em situação de refém da racionalidade que não empolga. O amor de Deus é o princípio da sabedoria teológica. A teologia é uma “sapientia cordis”. Como disse Paulo VI, o homem moderno acredita de bom grado mais nas testemunhas que nos mestres. O teólogo vive do desassombro da fé e da audácia da razão. A fé é uma advogada convicta e convincente da razão. A graça aperfeiçoa a natureza. “Tudo o que escrevi é palha, diante de uma única experiência de Deus” (Santo Tomás).

Ninguém melhor que São Boaventura soube unir espiritualidade e teologia: “A leitura não é suficiente sem a compunção, o conhecimento sem a devoção, a investigação sem o arrebatamento do enlevo, a prudência sem a capacidade de abandonar-se à alegria, a atividade separada da religiosidade, o saber separado da caridade, a inteligência sem a humildade, o estudo sem o suporte da graça divina, a reflexão sem a sabedoria inspirada por Deus” (Citado em *Fides et Ratio* nº 105).



A descristianização moderna está no “erro de mística” dos clérigos, na opinião de Charles Péguy, porque eliminaram o mistério e a ação da graça. Nações inteiras vivem e prosperam depois de Jesus, sem Jesus. Os clérigos perderam o fascínio por Jesus, perderam o maravilhamento, e o que resta são tagarelices, retóricas e discursos teológicos, diz o mesmo Péguy. Estamos vivendo um desastre místico nos ambientes teológicos, um pecado místico, um mau cristianismo. A descristianização, ainda segundo Péguy, veio antes de tudo do mundo clerical. A ciência teológica tem um caráter vital, isto é, requer união existencial com Deus, uma relação teológica na fé, esperança e amor, e inserção vital na Igreja. É uma ciência da “audição da fé”, como plataforma da “intelecção da fé”, em prol da transformação da realidade. No fundo, a teologia é “*contemplata aliis tradere*”, ensinar o que se contemplou, portanto um ensino que vem da contemplação, do amor à verdade. O amor abre as portas da inteligência. A teologia tem sua inspiração na mística. A verdade da inteligência surge como verdade do amor. O amor é a verdade. No teólogo, amor e verdade se encontram, é o encontro com o belo amor. Esta beleza salvará o mundo, como irradiação do rosto de Jesus, o Bom Pastor, e o teólogo é um perito na beleza do amor crucificado e ressuscitado. Cabe ao teólogo testemunhar a infinita beleza de Deus.

4. Desafios – Década de 2000

O primeiro desafio é o testemunho da unidade, ou seja, a interação entre professores, formadores, párocos e bispos, no sentido de oferecer aos formandos uma “espiritualidade de comunhão”, onde sejam respeitadas as opções das pessoas, mas sejam asseguradas a fidelidade à espiritualidade cristã e à Igreja. Instituto, Seminários e paróquias onde atuam os formandos nas pastorais, são mediações da formação espiritual que não se reduz a uma habilitação para o apostolado, mas consiste na conformação e consagração dos formandos a Cristo Jesus, uma interação da graça e da natureza, até que adquiram os sentimentos de Cristo Jesus.

O segundo desafio é o testemunho de vida dos professores. Não pode haver dupla mensagem entre o que dizemos e o que somos. Os formandos hoje são muito sensíveis ao testemunho de fé, de oração, de sobriedade e de fidelidade ao celibato de seus mestres. Pela responsabilidade na preparação das aulas, pela alegria da missão, pela coerência de vida, os educadores falarão mais alto e convencerão seus alunos, mais que pelo brilho da teoria teológica.



O terceiro desafio é a superação da racionalidade teológica, ou seja, o academicismo, a teoria sem prática, a demagogia, a prédica, a exibição livresca, sem o sabor dos joelhos, do envolvimento pastoral, da comunhão com a Igreja e da experiência com os pobres. A teologia deve exercer verdadeira sedução e fascínio por Jesus, seu projeto, seu reino. O teólogo ou professor de teologia é antes de tudo, um adorador, um amante, um profeta que fala do que experimentou. É o primeiro a acreditar e praticar o que ensina. Assim, o teólogo é mais discípulo que mestre, porque foi conquistado por Cristo Jesus. O Concílio Vaticano II pede do teólogo três qualidades: competência, humanismo e fé.

O quarto desafio é o de oferecer aos estudantes dias de retiro, de encontros com pessoas marcadas pela vida de oração e a ação evangelizadora, de semanas teológicas sobre espiritualidade e mística. Facilitar a troca de experiências neste campo. Permitir o acesso de leigos e leigas, que testemunhem os prodígios do amor de Deus em suas vidas e comunidades. Enquanto não houver fascínio, entusiasmo e encantamento por Jesus Cristo, atração pela beleza da vida cristã, não podemos falar em formação. Sem o cromossomo místico a teologia não desce ao coração, não é internalizada, não transforma. A mística abre os olhos, o coração e a mente do teólogo.

Endereço do Autor:

Caixa Postal 284
89201-970 JOINVILLE, SC
email: secrejve@terra.com.br